

TEIXEIRA GOMES E BERNARDINO MACHADO

O presidente que sai e o presidente que entra

O "Diário da Tarde" associa-se ás homenagens ontem prestadas no Congresso da República ao sr. Teixeira Gomes e rende as suas saudações ao sr. dr. Bernardino Machado, novo Chefe do Estado

Como referimos, o Congresso elegeu ontem presidente da República o sr. dr. Bernardino Machado, em substituição do sr. Manuel Teixeira Gomes, que renunciou o mandato. E' do seguinte teor a carta de renúncia do sr. Teixeira Gomes, que o presidente do Senado leu no Parlamento, convalidado expressamente para dela tomar conhecimento:

Presidência da República—Belem, 10 de Dezembro de 1925.—Ex.^{mo} Sr. presidente do Congresso da República Portuguesa.—Impossibilitado, por motivos de saúde, de continuar exercendo as funções de presidente da República, venho depôr nas mãos de V. Ex.^a o mandato, que para esse fim me foi conferido pelo Congresso da República em 6 de Agosto de 1923. Peço a V. Ex.^a a fineza de transmitir ao Congresso as minhas saudações, e os meus votos de felicidade pessoal para cada um dos seus membros.—Saúde e fraternidade—(a) Manuel Teixeira Gomes.

Terminada a leitura, o presidente do Congresso, sr. Correia Barreto, declarou que ia interromper a sessão para que os parlamentares confeccionassem as listas para a eleição, do sucessor do presidente resignatário. O sr. Alvaro de Castro pediu a palavra e, em palavras comovidas, justificou a seguinte moção:

O Congresso ao tomar conhecimento do pedido de renúncia de S. Ex.^a o sr. presidente da República, lamenta as circunstâncias que determinaram o seu acto e dirige ao cidadão, Teixeira Gomes as mais calorosas saudações de homenagem e respeito. (a) Alvaro de Castro.

A seguir falaram, apoiando a moção, o sr. António Maria da Silva, em nome do Partido Republicano Português, e José Domingues dos Santos, pela esquerda democrática. O sr. Ramada Curto, associando-se também em nome dos socialistas, à homenagem ao sr. Teixeira Gomes, exortou os republicanos a não continuarem, como até agora, a permitir que a os homens públicos constantemente se arrirem punhados de calúnias e alevias. E exclamou:

Não, não continem os republicanos no caminho que tem trilhado até aqui. Sai maguado da presidência da República o sr. Teixeira Gomes. Os senhores maltrataram-o, desrespeitaram-o, ofenderam-o. E' preciso que, de futuro, se não contentem com proferir banais palavras de homenagem; é preciso que, de hoje em diante, curem mais do prestígio e da honra do regime.

Pediu de novo a palavra o sr. António Maria da Silva, que declarou perfilar as palavras do deputado socialista e concluiu assim:

—Por mim declaro bem alto que nunca o sr. presidente da República teve um agravo por parte de qualquer membro do partido a que pertenceu.

E logo a seguir produziram-se os seguintes apertes:

O sr. José Domingues dos Santos:—Não apoiado!

Muitas vozes:—Apoiado! Apoiado!

O sr. Pestana Junior:—Os senhores é que o atacaram pela porta fóra e veem depois carpir lamurias.

O sr. António Maria da Silva:—Nós nunca pretendemos dar a ninguém a impressão de que tínhamos o sr. Presidente da República na barriga. Todas as pessoas teem as suas susceptibilidades, mas elas nunca representaram agravos. Jámais demos a perceber que o chefe do Estado estava do nosso lado, nem com ele atirámos a cara de ninguém. Há pessoas que fazem o mal e a crumunha. Nunca nos unimos aos inimigos do Estado e da República.

Estabelece-se confusão, cruzando-se apertes. E passou-se o seguinte:

O sr. Pestana Junior:—Não tencionava falar; mas desde que me levaram para este terreno teem que me ouvir. Nunca dissemos nem dos nossos actos se podia inferir,

que tínhamos um correligionário em Belem. Para que veem, então dizer para aqui que nós tínhamos o presidente da República... na barriga? Que nós insinuámos que o sr. Teixeira Gomes era homem nosso? Não, o chefe do Estado era incapaz de ser afecto a qualquer partido! O que nunca poderam tragar foi aquela formidável mole humana, 60 mil pessoas que foram até Belem. E, daí, vá de insultar o povo...

Vozes:—Não é verdade!
Orador:—Que nessa manifestação, feita pelo povo de Lisboa, ia o que há de pior... (Protestos). Chamou-se ao povo a «choldra»!

O sr. Joaquim Ribeiro:—Ao povo, é mentira!

O orador:—Empurraram-nos já do partido e não queiram empurrar-nos para um campo que não é do nosso agrado, mas que tomaremos, se assim o quiserem! (Comentários. Sussurros).

O sr. Julio Ribeiro: Ai que susto!

O orador:—Não o disse para assustar ninguém. Os senhores já sabem como o povo respondeu no ultimo acto eleitoral, dando-nos uma representação. (Risos e comentários). Nós ficaremos como povo, e os senhores vão recrutar correligionários nas classes mais cultas! E ficamos em muito boa companhia!

O sr. Ginestal Machado, em nome dos nacionalistas, fez votos pelas melhoras do sr. Teixeira Gomes e declarou que, tendo a moção character político, o seu partido, por coerência, não lhe dava a sua aprovação.

O sr. Lino Neto, pelos católicos, associou-se à homenagem, o mesmo fazendo o chefe do governo. Posta à votação, foi a moção do sr. Alvaro de Castro aprovada por grande maioria.

Procedeu-se depois à eleição do novo chefe do Estado. Terminada a votação, o presidente nomeou para escrutinadores os srs. Lino Neto e Ramada Curto, procedendo-se então ao apuramento, pelo qual se verificou terem entrado na urna 170 listas, assim divididas: Bernardino Machado, 124 votos; Duarte Leite, 33; Gomes Teixeira, 5; Belo de Moraes, 1; Afonso Costa, 1; Bettencourt Rodrigues, 1; Jacinto Nunes, 1; e listas brancas, 5. Como o maior número de votos não correspondesse ao exigido na Constituição, o presidente anunciou que se ia realizar nova votação. O presidente nomeou para escrutinadores os srs. António Maria da Silva e Ginestal Machado. Procedendo-se ao apuramento, verificou-se terem dado entrada na urna 159 listas, assim divididas: Bernardino Machado, 148; Duarte Leite, 5; Bettencourt Rodrigues, 1 listas brancas, 5.

O sr. dr. Bernardino Machado foi proclamado, prestando o compromisso de honra

Em virtude do resultado desta votação, o presidente proclamou o sr. dr. Bernardino Machado eleito para a presidência da República. Congressistas e galerias se levantaram então, ouvindo-se muitos vivas à República e ao novo chefe do Estado, e uma prolongada salva de palmas. A mesa saiu para ir buscar aos Passos Perdidos o novo chefe do Estado, que foi conduzido para a tribuna da presidência. A sua entrada na sala, novos vivas e palmas se ouviram, entusiasticamente secundados pelas galerias. O sr. presidente da República, à direita do presidente do Congresso e tendo por detrás a bandeira nacional, prestou então, assinando-o depois, o seguinte compromisso de honra:

Afirmo solenemente, pela minha honra, manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da República, observar as leis, promover e defender a integridade e independência da Pátria Portuguesa.

Assinado este compromisso, o novo presidente da República leu a seguinte alocução que foi ouvida de pé por todos os assistentes:

Senhor Presidente.—Associo-me deveras ao sentimento de todo o Congresso pelo motivo que determinou a renúncia do Presidente da República, sr. Manuel Teixeira

Gomes, por cuja saude formulo os mais sinceros votos.

Senhores Senadores e Deputados da Nação:—E' com profunda comoção de reconhecimento que recebo de novo o grave mandato da Magistratura Suprema da República. Quando em 5 de Outubro de 1915 o assumi pela primeira vez, o nosso programa governativo era a intervenção de Portugal na guerra, e orgulho-me de haver então cumprido todo o meu dever presidencial. O Povo Português, que erguera valerosamente nas suas mãos o lábaro republicano em prol dos destinos da Pátria, tomou altivamente o lugar de honra que lhe pertencia no exército augusto das Nações livres. E a victoria veio coroar o esforço ardente da nossa heroica democracia. A missão que impende hoje sobre Nós é outra, mas não é menos momentosa nem menos imperativa. Temos de assegurar aos nossos denodados compatriotas, sem a mínima perda de valores e de tempo, a justa compensação dos seus generosos sacrificios, não deixando jámais de reivindicar a causa dos nossos direitos—direitos sagrados, que ninguém ainda conquistou mais legitimamente do que nós, pela nossa acção civilizadora no mundo. O inimigo secular, que tantas vezes nos flagelou ferinamente, arrastando-nos á decadência, é historicamente o mesmo, na paz como na guerra, hoje como ontem, dentro ou fóra do país. E' a usurpação da soberania popular, o arbitrio, a ditadura do poder, causa fatal da instabilidade e dissolução ruínosa da vida publica. Conjuremos resolutamente tais atentados. Governe o Parlamento, governe sem declinar nenhuma das suas nobres prerrogativas, na plenitude fecunda das suas poderosas facultades reconstituintes, fazendo da Republica, pela justiça das leis e pela austeridade dos seus mandatários, um regime cada dia mais zeloso de todas as liberdades individuais, associativas e corporativas, e de todas as renovadoras iniciativas scientificas, artisticas e industriais, protector querido e abençoado de quantos infelizes só dele podem esperar o alívio e resgate das suas dores.

No desempenho das altas funções, de tamanha responsabilidade que o Congresso mais uma vez se dignou confiar-me, desenvolver-me-ei por corresponder á sua estremada benevolencia, inspirando-me impetritamente na mais entranhada devoção cívica á grandeza e ao prestígio da República, pelo estreitamento dos vinculos de concórdia e confraternização social, em fiel solidariedade com as aspirações palpitantes do progressivo génio da Pátria.

Viva a Republica portuguesa!
A transmissão dos poderes em Belem

As 22 horas e meia chegou ao palácio de Belem o sr. dr. Bernardino Machado, acompanhado pelos srs. Correia Barreto, presidente do Congresso, e Jaime Atias, secretário geral da presidência. O sr. Teixeira Gomes, que se encontrava na sala de recepção rodeado dos membros do governo e das pessoas que o tinham ido cumprimentar, de braços abertos recebeu o novo chefe de Estado, dizendo-lhe que o acolhia na sua casa, dele, novo presidente da República, pela vontade da nação. Por isso lhe desejava as maiores felicidades no desempenho do cargo em que tinha sido investido. O sr. dr. Bernardino Machado agradeceu, dizendo que procuraria honrar a confiança que o País mais uma vez nele depositou. Em seguida o sr. Teixeira Gomes retirou-se para os seus aposentos, seguido dos seus antigos ajudantes.

Terminados os cumprimentos o novo presidente da República teve uma larga conferência com os membros do governo. O sr. dr. Domingos Pereira, no final, apresentou o pedido de demissão colectiva do governo. O sr. dr. Bernardino Machado declarou que, não tendo uma indicação parlamentar para a aceitar, esperava que o governo continuasse no seu posto. Como o sr. dr. Domingos Pereira insistisse, alegando ter o governo já cumprido a sua missão, o sr. presidente da República pediu-lhe que reflectisse melhor no assunto, que ele por seu lado também ia apreciá-lo. Dá-se como certa a constituição, dentro de alguns dias, de novo governo democrático.

LIVROS & REVISTAS

PORTUGAL

Nunca edição do «A. B. C.», acaba de sair o volume «Trinta anos em Seide», de Raquel Castelo Branco, neta de Camilo, contendo notas, impressões, cartas inéditas, etc. Desta obra foi feita uma tiragem especial de 200 exemplares, de papel «verge», numerados e rubricados. A edição contém uma capa decorativa muito interessante.

Recebemos a versão portuguesa de Luís Cardim da tragédia «Julius Caesar», de William Shakspeare. A edição, que é cuidada, pertence à Renascença Portuguesa. O nosso crítico literário referir-se-há em breve mais detalhadamente a este trabalho.

A propósito da peça «Alfilerazos», de Jacinto Benavente, escreveu Nogueira de Brito, no último número da «Renovação», um interessante artigo sobre a obra daquele escritor e dramaturgo. «Alfilerazos», que acaba de subir à scena em Madrid, tem sido muito discutida e comentada.

Deixou de fazer parte da direcção e da empresa da «Revista Portuguesa» o sr. Roque e Santos.

Nos fins da próxima semana é pôsto à venda o primeiro número da revista heliocrómica «Actualidades», a que está reservado um grande êxito.

Está à venda o 4.º milhar de «A Colina Sa rada», de Manuel Ribeiro.

Saiu hoje mais um número da revista feminina «Eva», que, a par de larga informação sobre modas, insere interessante colaboração literária.

António de Cértima tem no prélo um livro de crónicas e apontamentos da guerra de Moçambique (1915-1917) a que deu o título: «Carvões de Africa».

Saiu a 6.ª edição do tomo 1.º de «As Farpas».

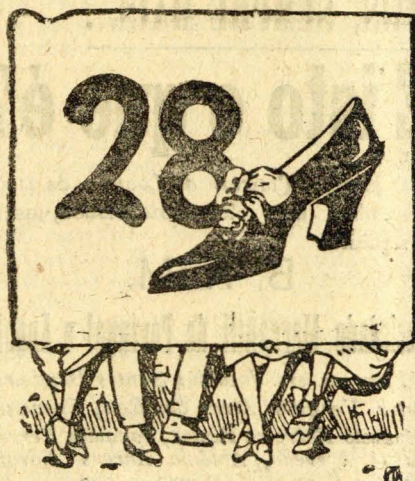
Tem sido muito procurado o volume de sonetos «Diamantes negros», de Eduardo Metzner.

Samuel Schwarz, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, acaba de publicar, em separata do Boletim desta colectividade, o seu valioso estudo intitulado «Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX» em que, além de uma erudita e sintética resenha histórica, dá numerosas notícias sobre os ritos, costumes, e tradições das famílias judias da Beira Baixa. Acompanha-se esse estudo da transcrição de numerosos documentos elucidativos, orações, trechos de processos inquisitoriais, etc.

FRANÇA

A «Revue de Paris» vai publicar «La fin de Chéri», de madame Colette.

Vai aparecer em breve um ensaio de Pierre de Massot sobre «Etienne Marcel, prévôt des marchands».



RUA DO AMPARO
A sapataria mais economica de Lisboa
Telef. C. 3541

O melhor sabonete



Toilete-Medicinal